

# Minha última viagem sentimental à URSS (1989)

Aurora Bernadini\*

**RESUMO:** O ensaio retrata a última visita que realizei à URSS em 1989, e portanto trata - em particular - de depoimentos sobre a época e das expectativas otimistas de uma Perestróika que não se realizou.

**ABSTRACT:** This essay portrays the last visit I made to USSR in 1989 and deals, in particular, with testimonies about the epoch and optimistic expectations about a Perestroika which would never occur.

**Palavras-chave:** 1989; depoimentos; expectativas; Perestróika  
**Key-words:** 1989; testimonies; expectations; Perestroika

\* Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: [bernaur2@yahoo.com.br](mailto:bernaur2@yahoo.com.br)

## Advertência

Há o perigo de haver generalizado indevidamente, pelos exemplos que dei, às vezes atípicos, às vezes paradoxais. Mas é a impressão pessoal que os dirige, e é o acaso, fornecendo-os, que os tornou relevantes. *Ein mal, kein mal*, reza o ditado alemão, com razão: “uma vez” de *per si* não é suficientemente significativa, a não ser que evoque algo anterior que já se aninhou na consciência de quem lembra. Esse relato de viagem na verdade é o despertar de recordações, de observações, de ideias, de sensações mesmo, que se sedimentaram dentro de mim ao longo de quase duas décadas de contínuo e afeiçoado interesse. O roteiro passa por pontos que evocam uma experiência anterior. Daí as divagações e os *consideranda* que acompanham cada passo.

Tateei não pouco até decidir a quem dirigir esse relato: após vacilações, que se notam na escritura, acabei por conformar-me: será o leitor ideal o que se configura a minha imagem e semelhança.

Um último reparo: procurei, na medida do possível, limitar as informações de caráter mais eminentemente cultural, fruto de pesquisas às quais tenho me dedicado durante minha atividade didática como professora do curso de russo da Universidade de São Paulo.

\*\*\*

- “E a senhora, nos diga, como é que veio a se interessar pela Rússia?” Quem me faz essa pergunta é o diretor do Instituto Púchkin, numa cordial entrevista presenciada por dois assessores para a América Latina e a secretária particular.

Conto a eles, com simplicidade, meu namoro com um russo dos subúrbios da capital paulista, aos dezesseis anos, e minha paixão pelos *Irmãos Karamázov*, de Dostoiévski, aos dezoito. A motivação é potenciada pela coincidência: vem residir perto de nossa casa a esposa russa de um engenheiro, colega de meu pai. Senhora do grão mundo de antanho, cuja mãe (dizia ela) acompanhava Tchaikóvski ao piano. A partir daí, as lições, durante quatro anos, a prática do dia-a-dia, o curso livre na USP, o convite do Professor Bóris para ser sua assistente e, aos poucos, o interesse de uma vida.

– O que aconteceu com o namorado?

– Ah, ele acabou se casando com outra...

Consternação geral.

Acima de tudo, os russos são sentimentais. Adoram George Sand, Vasco Pratolini e os filmes do primeiro neorealismo italiano com Silvana Mangano, Anna Magnani, Sofia Loren.

– Ah! Quem me dera – diz-me um professor de história de Rostóv-sobre-o-Don –, quem me dera, nem que fosse por um único instante, sentir aquela irresistível atração que une o velho industrial à jovem operária no filme em que Silvana Pampanini traía com Rossano Brazzi o jovem marinheiro a quem, no entanto, amava! E as mulheres, na plateia, todas torcendo para que ele batesse nela, na cena final. Sim, porque as nossas mulheres não são solidárias: “Bem feito, sua sem-vergonha!”

– E o que elas acham – pergunto eu, na primeira brecha – da mulher de Gorbatchov?

– Ora, ela está no terceiro casamento, e ele, no segundo...

O moralismo rancoroso: uma característica da classe média europeia, ligado a certo dogmatismo *tout court*. “O que não tenho, outros também não têm por que ter”, faz-se sentir também na União Soviética. Lembro-me de que uma das ideias que me ocorreram, no final de minha estada na URSS, foi experimentar o famoso *Orient-Express*, o trem que me levaria para Trieste. Quando, após muitas peripécias, consegui apro-

ximar-me do guichê de informações no interior do misterioso palácio da rua Petrovka nº 15 (responsável pela reserva e pela venda de passagens de trem), a moça que atendia disse-me, gentil, porém firme: “A senhora terá de apresentar-se à Estação Kievskaja, às vinte horas, como todo mundo.” Surpreendeu-me esse “como todo mundo”, pois eu não havia pedido nenhuma atenção especial. “Antes – explica-me uma amiga brasileira que trabalha na Rádio Moscou – tinham uma consideração especial pelos estrangeiros, agora, já se acostumaram. Tratam-nos como tratam a todo mundo...”

As impressões remanescentes da recente visita brotam a cada recordação. Talvez seja melhor ordená-las cronologicamente desde a chegada em Moscou em começo de junho, num voo da Aeroflot vindo de Buenos Aires, levando uma multidão de ítalo-argentinos que iam à Itália via Moscou, uma delegação de religiosos que iam participar das solenidades comemorativas do milênio da instalação da Igreja Ortodoxa Russa e comitivas de marinheiros que serviam em navios soviéticos nas costas da Argentina.

Foi perto de um marinheiro de Odessa que me sentei durante parte da viagem. Era maquinista, mas havia se formado em engenharia mecânica. Gozava de um prestígio particular entre os colegas, por ser mais velho e provavelmente mais sábio. Logo reparei no seu jeito “coletivo”. Alguém havia perdido o boné e ele se dispôs a abrir todos os porta-malas do avião, até que foi encontrado. Dava umas respostas irônicas mas definitivas: “Você encontra gente boa no mundo inteiro – disse-me –, mas no socialismo há mais do que em outros regimes.”

Quando fizemos escala em Argel, propus que tomássemos um café. Antes de embarcar ele havia gasto todos os dólares que lhe sobraram. Não porque precisasse gastá-los, mas para não levá-los para a URSS. Surpreendi-me. O salário de quem trabalhava fora do país era alto e ele teria podido valer-se dos dólares e comprar um carro, ou uma casa...

Mas, pelo que andou me contando, entendi que não era esse tipo de pessoa. Há os russos “safados” e há os russos “compe-

netrados”. Talvez fosse isso o que ele quis me dizer com aquela frase. No socialismo há menos disposição para a safadeza. Mesmo agora, quando o governo tenta dar ênfase à iniciativa particular, ninguém ainda sonha de repente em “ficar rico”. A *datcha* ou casa de campo na periferia, toda família praticamente já a tem. Era o único bem hereditário, respeitado mesmo na época de Stálin. É lá que ficam os vovôs, cuidando dos morangos da horta e das peônias, rosas e cravinhas que, nos feriados, vendem às margens das rodovias. O carro, desde que a fila o permita, compra-se com uns cinco mil rublos. E o apartamento?

O russo (da ex-URSS!) não atina muito com a vantagem de comprá-lo, pois uma vez que lhe é atribuído passa a ser praticamente vitalício e, caso ele queira, pode trocá-lo por outro apartamento, num arranjo comum, entre amigos. Sem considerar o fato de que o aluguel é praticamente irrisório. Mas digamos que queira comprar o apartamento para refazer o piso, o banheiro, a cozinha à moda americana, como uma família armênia que me convidou para jantar, creio eu, entre outras coisas, pelo orgulho de me mostrar o apartamento que o pai e o filho haviam reformado. “Quem quer dinheiro, trabalha” – diz o marido, que é engenheiro, mas acumula dois cargos. “Há cinco anos que estamos em Moscou. Viemos para cá tratar da filha que tem problemas na espinha, só tratáveis em Moscou. No começo contentamo-nos com um apartamento pequeno. Agora, veja só.” Leva-me pelos vastos cômodos: um quarto de casal, um para os dois filhos, um que serve de depósito para o material da reforma. Um longo corredor de armários embutidos, o banheiro cheio de truques, a cozinha com todos os aparelhos necessários (só não vi máquina de lavar pratos), uma área de serviço.

“A reforma, nós mesmos fizemos. Eu e o filho (18 anos) refizemos todo o piso. Levamos um ano. Veja só”.

Realmente, impressiona. É um parquet de madeira entalhada a mão, formando desenhos simétricos em jogo de cores. Provavelmente uma técnica que trouxeram da Armênia. Os armários embutidos são de aglomerado, mas o orgulho é o

banheiro. Uma peça veio da Alemanha, outra da Polônia, outra dos Estados Unidos.

– Traga-nos um chuveiro desse tipo, para reserva, caso este quebre, da próxima vez que você vier. Aqui também se consegue, mas é difícil. Veja, tudo isso conseguimos aqui, temos tudo, é só procurar.

O filho gostaria que trouxesse um vídeo, ou um gravador. Não porque lá não tenha, esclarece, mas porque em questão de tecnologia o que é estrangeiro inflama a imaginação do adolescente. O pai desconversa: “Traga o chuveiro. O chuveiro é mais importante.” E o dinheiro? “Ora, o dinheiro, já lhe dissemos, se arranja. Eu tenho dois serviços e minha esposa também. É economista-chefe numa repartição e trabalha também como modelista, numa oficina de modas. Tiramos mais de dois mil rublos por mês e ainda nos ‘deram’ o apartamento. Fui convidado para trabalhar na construção. O chefe me chamou e me disse: se você topar, nós lhe arranjaremos um bom apartamento. Vim ver o apartamento e topei. Ainda temos duas *datchas*. A casa que tínhamos na Armênia vendi e dei um anel de brilhantes para minha mulher. Se precisar de dinheiro, vendo o anel.” No final do jantar a mulher mostrou-me suas joias. Não um anel de brilhantes, mas cinco deles, cada um valendo uma média de dez mil rublos. (Sei dos preços pois andei visitando um *komissionni magazin* de joias usadas.)

“O que nós queremos agora é viajar. Vamos fazer assim: você vem aqui e passa o tempo que quiser, hospede em nossa casa. A casa você viu (como quem diz, não poderia haver melhor), e você nos manda uma cartinha, convidando-nos para passar um mês em sua casa, no Brasil.

Realmente, o que o russo mais sonha hoje em dia é em viajar. Mas, para viajar, rublos não adiantam. A tal *valiuta* é um problema espinhoso. (Claro que “viajar” para o russo não compreende os países socialistas, incluindo Cuba. Ir para lá não implica dólares.)

Como solucionar o impasse? Os estudiosos viajam graças aos convites de instituições estrangeiras, que solicitam aber-

tamente. Os outros, graças a parentes ou amigos que lhes patrocinam a estadia, pois a passagem, galgadas as filas ingratas, mas superáveis, é comprada em rublos pelo valor oficial correspondente hoje a US\$ 0,65 (1989) para cada rublo.

Viajar sem amigos ou parentes que se responsabilizem pelos gastos do hóspede é praticamente impensável. Além de implicar a necessidade do câmbio negro (um dólar custa de três a cinco rublos, no momento), é absolutamente proibido levar dólares para o estrangeiro (ou de lá trazê-los), a não ser na cota mínima e irrisória que é permitida ao viajante. O controle é rigoroso, mesmo para estrangeiros aos quais é pedida, na alfândega, uma declaração na entrada e outra, correspondente, na saída.

Até que não seja encontrada uma solução (na época da revolução o rublo era uma moeda livremente conversível ao mercado mundial e há projetos para que volte a sê-lo), a questão da obtenção de dólares na URSS continuará sendo difícil e gerando situações paradoxais e mesmo contraditórias.

Um exemplo é o que se passa com as famigeradas *berióskas* onde são vendidos, em moeda estrangeira, produtos dificilmente encontráveis na praça, que vão desde *kefir* (espécie de iogurte) até os livros russos de ficção.

Hoje não se pede mais passaporte para comprar nas *berióskas*, qualquer um pode fazê-lo, mesmo um russo. Mas sobra a pergunta implícita: “onde será que ele conseguiu a moeda estrangeira?”

Uma colega colombiana levou-me à *berióska* especializada em livros, coisa que não existia alguns anos atrás. É que agora está havendo um verdadeiro *boom* de literatura russa e, felizmente para nós, os livros impossíveis de se comprar nas livrarias (as edições esgotam-se instantaneamente) ainda podem ser encontradas lá, em poucos exemplares: Khlébnikov, Akhmátova, Maiakóvski, Dostoiévski, Bulgákov, Bábel e os contemporâneos – Bykov, Bek, Antonov, Grossman, Tvardóvski, Raspútin, sem contar os ídolos do momento, Chatóv e Visótski, o primeiro, dramaturgo e cineasta, autor de peças em

cartaz e de uma série de filmes sobre Lênin, na qual aparecem *todos* os protagonistas da revolução russa, e o segundo, cantor e poeta satírico de talento, morto aos 50 anos (foi casado com Marina Vlady), cujas letras de música os jovens cantam com voz rouca e entrecortada, acompanhados pelo violão.

Acontece que esses livros, uma vez comprados, só poderão ser remetidos ao estrangeiro se o comprador obtiver uma licença especial da Biblioteca Lênin, que atende as filas dos postulantes às segundas e às sextas-feiras, num horário especial. Não entendi bem o porquê. A funcionária do correio que não quis aceitá-los sem licença deu-me a sua versão: “É isso mesmo, chega o estrangeiro e pensa que vai levar assim fácil nossa *literatura artística*, não senhora.” Como já tinha reparado no olhar de desaprovação de uma professora de faculdade dirigido não a mim pessoalmente (espero), mas aos próprios livros, depreendi que não seria coisa grata levá-los, de modo que pus-me a ler febrilmente e ao mesmo tempo: *Zubr* (a história volumosa de um geneticista, publicado na revista *Novii Mir* de 1987), *Interdiêvochka* (a história de uma prostituta de luxo, publicada na revista *Avrora* de 1988) e *Novas Destinações* (romance de um ex-stalinista ortodoxo que é consumido por um câncer por não conseguir resolver seus conflitos ideológicos).

Não consegui terminr todos e alguns deles tive de deixar a desconhecidos no aeroporto, com o coração apertado diante da inflexibilidade da funcionária que pesou minha bagagem.

Mas voltemos ao marinheiro de Odessa, não apenas pela cronologia dos fatos, mas pelo tipo muito característico de russo que ele representa. “Fui casado”, diz laconicamente, “mas não há ninguém no mundo pior do que a mulher que se considera uma beleza e o homem que se considera um gênio.” “Gostei realmente do reparo”, disse-lhe (por sinal, a língua russa é tão sintética e eufônica que parece feita para máximas e provérbios), e isso serviu para quebrar definitivamente o gelo. Enquanto entortava um garfo para mostrar-me como as mãos de um marinheiro-engenheiro-maquinista podem ser fortes e não amarrava o cinto ao pedido da aeromoça, “pois se tiver alguma coisa de errado eu percebo logo pelo ruído da máquina”,

contou-me de suas experiências como mergulhador e pugilista profissional antes de virar marinheiro, por excesso de fumo e de idade.

O encantamento pela natureza, o respeito pela forma física, a necessidade que os jovens da geração dele sentiam por alguma prova de virilidade e a identificação com algum poeta de quem conheciam os versos mais tocantes (Pasternak, Es-siênin, Omar Kaiam). O curioso desprendimento em relação ao dinheiro e aos bens materiais, o peso dado à amizade e à conduta (“o que resta de nós está na lembrança de quem nos conheceu”, disse ele) e a identificação consciente com a terra natal (“apesar das coisas erradas que houve por aqui, eu me sinto em casa na Rússia. Em qualquer lugar que eu vá, sinto-me em minha casa”).

Um grande carinho pela avó e pela mãe. Infiro que a infância passada na época da guerra, com os homens do front e as mulheres cuidando de tudo, no campo, em casa, na cidade, tenha-lhe deixado, como à maioria dos homens de sua geração, esse jeito filial em relação às mulheres, uma atitude de respeito quase submissa. A mim, acostumada a um mundo em que a mulher ainda é objeto, este jeito encanta. Uma consequência curiosa dessa “hegemonia” social feminina é que, aparentemente, são elas “quem fala mais alto”. Para quem vem do ocidente a coisa chama realmente a atenção. As próprias aeromoças, que durante a viagem a Buenos Aires portaram-se literalmente como “asafadas” (é assim que as chamam, em castelhano), ao chegarem em Moscou começaram de repente a gritar e a arreganhar os dentes, conforme reparou a minha outra vizinha de viagem e futura companheira de quarto do hotel universitário. Diz-me a colega que deve ser o jeito, o hábito moscovita. As moças podem ser lindíssimas, até bem trajadas e maquiadas, mas, quando abrem a boca, o modo de falar é tão ríspido que chega a intimidar.

Durante o tempo que se seguiu tivemos ocasião de conjecturar sobre o assunto. Como se teria formado esse hábito, ao longo dos anos? Provavelmente teriam começado vendo as mães, extenuadas pelo dia de trabalho, pelas compras, pela co-

zinha, responderem assim aos maridos, que de maneira geral não costumam ajudar em casa, chegam cansados, leem jornal, veem TV, jantam, tomam um trago e boa noite. Depois, o teriam repetido na escola, na faculdade, no trabalho. Realmente, a igualdade vai cancelando traços de feminilidade.

“Estamos atravessando uma época de matriarcado insuperável”, nos dirá o professor de história de Rostóv-sobre-o-Don, (também morador do mesmo hotel universitário), “enquanto as moças continuarem se achando o máximo e não dando atenção aos homens, ou melhor, só dando atenção àqueles que as maltratam...” *et pour cause*.

Mas voltemos, agora, à chegada a Moscou: embora tivessem se passado 14 anos desde a última vez que a visitei, achei-a sempre extremamente familiar. “Trocaram a bagagem do nosso vô”, disse o marinheiro, quando após uma hora esperando a entrega vimos desfilar uma porção de malas que não eram as nossas. Foi aí que ouvi pela primeira vez a frase sintomática: *paká ni perestróilis* (ainda não se reconstruíram). Tomamos um suco e comemos um sanduíche no bar, enquanto esperávamos. Dessa vez foi ele quem ofereceu (eu só receberia meu salário de 150 rublos no dia seguinte), enquanto reparava com satisfação “Aqui as coisas são ainda bem em conta – apenas alguns copeques.”

Despedimo-nos no aeroporto. Ele ia para outra cidade. “Mas voltarei para Moscou. Se quiser me reencontrar, esteja na Praça Vermelha, dia tal, hora tal”.

Nunca mais o encontrei.

Realmente, uma das grandes satisfações que se tem na Rússia é verificar como se pode viver “normalmente” gastando pouquíssimo. *Normalno* aqui significa simplesmente sem luxos: nada de táxi (o transporte é abundante), nada de restaurantes (em todo lugar há *stalóvaias* e a comida é farta), nada de vodka (por sinal até agora, por razões óbvias, vigia uma espécie de lei seca), nada de roupas extravagantes. Cinema, teatro, concerto, livros (os que há) à vontade. Uma vida saudável. Só que a novíssima geração, pelo que se vê e que se ouve, não

quer nada com essa normalidade. “Nós não queremos viver *normalno*, nós queremos viver *khorochó!*” é o que dizem a seus pais, a seus educadores.

Na verdade, ninguém sabe ao certo o que vem a ser esse *khorochó*. Nossos adolescentes da classe média para cima, bem ou mal, sabem o que podem esperar da vida. Mesmo que na infância seu imaginário tenha sido alimentado por tantos enlatados americanos, o próprio excesso já serviu de antídoto: as situações de violência-sexo-droga-corrupção tão inevitáveis acabaram matando neles, mesmo nos mais medíocres, qualquer mitificação. Eles sabem que, mais cedo ou mais tarde, acabarão fazendo sua viagensinha à Disneyworld, terão a chance de comprar seus games e seus *e*-alguma coisa.

Falei em classe média porque a primeira impressão que se tem na Rússia é que todos mais ou menos pertencem a uma imensa classe média com as divisões inevitáveis: capital/província ou campo/cidade, onde a base da formação provém das instituições coletivas e as nuances e os requintes, da educação familiar. Se os pais forem formidáveis (amorosos, esclarecidos, cultos), a integração e a amizade serão favorecidas e as crises mais facilmente superadas; mas se, conforme ocorre na grande maioria dos casos, os pais estiverem cansados ou cada um assoberbado com seus próprios problemas (na Estônia, fiquei sabendo pelo guia, há 50% de divórcios), a coisa se torna crítica. Até agora o “coletivo”, de uma certa forma, atropelava o particular. Era a escola, a “prática” (algo como o CPOR para os/as estudantes), a faculdade, o trabalho. Puberdade, maternidade, levados “à moda natural”, ou seja, mais ou menos ignorados, sem cultos ou consumismos, acompanhamento psicológico ou hormonal. Para os rapazes, a escola de “hombridade” era o serviço militar, em geral “linha dura”, com os mais velhos (*stárchina*) mandando nos mais moços, marchas infundáveis, latrinas para lavar, doenças contagiosas, injustiças variadas, enfim. A desinformação sexual e as consequências anexas faziam a moça cair brutalmente “na real”, tal como o serviço militar, o jovem.

Hoje, tudo isso passa a ser de repente discutido, questionado

e comparado com as informações daquilo que, confusamente, se passaria no “ocidente”. Para os jovens, o ocidente não é apenas mito, mas é o termo ideal de comparação que funciona como estímulo e fonte de contestação.

O estudante estrangeiro, vindo em geral de países “em vias de desenvolvimento”, é o partido mais cobiçado pelas jovens moscovitas. Casam-se e lhes é permitido acompanhar o marido. Há as que se adaptam à nova vida, ou seja, passam a trabalhar no estrangeiro, enfrentando as realidades do “capitalismo selvagem” ou de subdesenvolvimento, sem contudo chegar a aceitá-los. Há as que não se adaptam, e aí se desestruturam. Conteí numerosos casos, de uma e outra espécie. Por trás está o tipo de mentalidade que o regime forma, a de um tipo de Estado que, bem ou mal, provê tudo: moradia, saúde, trabalho, aposentadoria. É-lhes inadmissível a ideia de que, de repente, o indivíduo se veja “jogado” no mundo. Então começam a agarrar-se a torto e a direito, exigindo de todos o que deixaram para trás, e, ao não conseguirem, se transformam em “problemas” extremamente sintomáticos, de consequências negativas inevitáveis. Diante da particular dificuldade de adaptação, pode-se conjecturar que, se, junto com a convertibilidade da moeda fosse dada naturalmente aos jovens a possibilidade de viajar, de conhecer o estrangeiro, ficaria mais fácil desfazer essa tão incômoda mitificação contra a qual os pais não têm argumentos.

Essa “naturalidade” (normalidade) das viagens ao estrangeiro é algo sobre o que os russos falam muito: evitaria os ressentimentos de quem não conseguiu viajar e o constrangimento de quem conseguiu (os judeus que vão para Israel, ultimamente), e, além de constituir um estímulo ao bom desempenho profissional, seria uma aplicação gratificante do decorrente incentivo financeiro. “Minha querida Aurora, diz-me com evidente afeição uma professora do curso que reencontro após quatorze anos – você lembra a dificuldade que você teve, da última vez, para ir à Geórgia, aqui dentro da Rússia mesmo? E naquela época éramos oito milhões de moscovitas. Agora pense em doze milhões de pessoas querendo ir todas para o

estrangeiro. Viajaremos, viajaremos, mas é preciso dar tempo ao tempo. Nosso povo ainda não está preparado...”.

Esta frase não me é estranha. Evoca longas conversas que tive, há muitos anos, com um então brilhante jornalista do *Soviétski Soiúz*. que povo é esse, quem é “nós”, a quem cabe educar quem, como, por quê? Tentei encontrá-lo para saber o que ele pensa hoje disso tudo, como mudaram as coisas ou por que, como ele acha, deixaram de mudar.

Não consegui reencontrá-lo.

O seminário para o qual eu vim (dessa vez sobre a *Perestroika*) foi muito bem organizado. Tem a duração de dois meses, em período integral, e destina-se a professores de russo que queiram se reciclar, se atualizar e “elevar seu nível de qualificação profissional”.

É o quarto encontro que assisto, desse gênero, na UDN (Universidade da Amizade dos Povos), que agora, além de um atraente prédio próprio com jardim interno, tem até uma parada de ônibus com esse nome. A equipe de professores da cátedra de língua russa, embora mais numerosa, ainda é a mesma. Comove-me ver como, à distância de tantos anos, as pessoas se lembram de mim: “Quando recebemos a fotografia (além do tempo que passou, não sou minimamente fotogênica), nos perguntamos: será que essa Aurora é a *noossa*?” Esse pronome possessivo deixa-me particularmente contente. Para o russo tem uma conotação toda particular. Eu também gostaria de dizer-lhes do prazer da revisitação, mas as solicitações são tantas e eles têm que dividir seu tempo com os 103 participantes das 45 nacionalidades presentes. Depois – pensei – visitarei alguns em suas residências, para uma conversa mais aprofundada.

Ao receber o programa já se verificam grandes inovações. De manhã conferências e aulas práticas, intervalo para almoço e consultas na biblioteca (ainda não há xerox à disposição do público, na URSS), à tarde, consultas a professores e visitas a instituições e, à noite, peças de teatro ou filmes para serem assistidos. Nos fins de semana, viagens a lugares históricos

que incluirão, no final dos seminários, excursões a outras repúblicas da URSS.

A novidade mais importante são, justamente, as palestras sobre a *Perestróika*, seguidas de acalorados debates entre os participantes e o docente, e muitas vezes uma equipe de especialistas em várias áreas. O docente da vez é jovem (41 anos), bem informado, inteligente e, principalmente, aberto a qualquer tipo de diálogo. Já assimilei a primeira surpresa que esperava, mas não com tanta intensidade: o léxico, o jargão, a cadência da língua mudaram sensivelmente desde minha última estada. Os primeiros dias vivi-os encantada com as novas expressões; agora estou ansiosa pelos novos conteúdos que elas têm que expressar. Entretanto, a primeira coisa que me chama a atenção no expositor é seu jeito de mexer as mãos. Primeiro uma, depois a outra. Quase nunca as duas ao mesmo tempo. E regularmente, quase como um metrônomo. *Ne spechích, liudéi nasmechích*: vem-me logo à lembrança o dito que anotara no dia anterior, algo como “quem se apressa, suscita o riso”, a versão russa de *festina lente*, apressar-se vagarosamente. É sob essa égide que gostaria de me colocar – penso – numa comunhão subliminar com o espírito da coisa. Não porque tema o riso dos circunstantes, mas porque, realmente, é tão gratificante poder se apressar devagar. Um hábito que provavelmente o regime consente. Mal acabei de considerar com os meus botões, uma voz clara e firme soletra a definição da *perestróika*: “a liquidação dos mecanismos de retardamento e a criação dos mecanismos de aceleração do desenvolvimento socioeconômico.” *Termojêníe* e *uskoriêníe* são os termos-chave. Literalmente, *uskoriêníe* significa aumento da velocidade, já *termojêníe* quer dizer breagem, desaceleração e também um impulsionar interrompido, como quando se dá a partida e o carro para aos pulinhos.

Da exemplificação do funcionamento desses mecanismos, que visam a elevação dos índices da qualidade em detrimento da quantidade pura e simples, ficou evidente que a ovelha negra são os ministros (mais de 70) e adjacências (a famigerada “nomenclatura”), com seus planejamentos descabidos, sua

máquina burocrática emperrada, vitalícia, e seu clientelismo corrupto.

O expositor tinha preparado suas aulas com números e nomes, sem quaisquer reticências. Após a definição da nova terminologia, começou analisando as medidas bilaterais tomadas quanto à redução das armas nucleares, e concluiu explicando que no programa do partido a ser apresentado dentro de uns dias, no 26º Congresso, a expressão “luta de sistemas”, no tópico referente à passagem para o socialismo, seria substituída pela expressão “equilíbrio histórico”, uma vez que há plena consciência de que a sobrevivência da humanidade depende da solução pacífica da contradição guerra/paz.

As aulas foram muitas e extremamente movimentadas. Havia, entre os presentes, representantes de países da África ou do Oriente, ocupando cargos governamentais de relevo, que haviam terminado algum curso universitário em Moscou e que, com conhecimento de causa, questionavam pontos não suficientemente esclarecidos. Algumas das questões levantadas referiam-se às dúvidas suscitadas por experiências do cotidiano. As cooperativas, por exemplo. Entendemos todos que agora é incentivada a iniciativa particular e que um grupo mínimo de três pessoas pode se reunir e formar uma cooperativa. O Estado cederia o local (restaurantes, cafés) ou os instrumentos (carros, no caso dos táxis) e cobraria uma taxa, espécie de aluguel, por mês ou por ano, conforme o caso. Quem, porém, controla os preços a serem cobrados ao usuário? Em Moscou a demanda é tanta que, apesar de eles (os preços) serem exorbitantes, há sempre filas à espera. Mas em outras repúblicas, na Estônia, por exemplo, onde estivemos por uma semana, quando propusemos a uma conhecida (uma daquelas moças que casam com estudante estrangeiro e, não tendo se adaptado à nova vida, resolvem voltar) almoçar em certo restaurante, ela nos olhou com espanto e disse: “Mas é um restaurante cooperativo!” Traduzindo: fora do alcance do salário do “povo”.

Eu mesma perguntei ao professor como será equacionada a questão dos salários. Na noite anterior tinha assistido a uma peça do já citado Chatov, *A ditadura da consciência*, e entre as

inúmeras e violentas críticas às contradições do regime fora dito por uma personagem: “O Estado faz de conta que nos paga e nós fazemos de conta que trabalhamos.” A resposta foi imediata e direta: no que se refere às cooperativas, há todo interesse de que, por enquanto, elas sejam bastante rendosas, visto que se trata de mudar hábitos psicológicos “coletivos” profundamente enraizados na população. Depois que a nova estrutura tiver sido assimilada, pensar-se-á num aparato de controle. A renda acima de 700 rublos per capita por mês será taxada na base de 90%. No que se refere à produção industrial e agrícola, 50% das empresas já trabalham em regime de iniciativa mista, pelo qual o Estado adquire a produção após a comprovação de qualidade, metade dos lucros ficando para serem geridos pela própria empresa. Dentro de cinco anos, prevê-se que em toda a União Soviética esteja implantado esse regime.

“E quanto aos que não se adaptarem, aos que não se derem bem, que não produzirem o desejado, nesse novo sistema?”

“É simples. Ganharão menos. Continuarão recebendo seu salário-mínimo, que dá para viver, é claro, mas nada mais. Se quiserem ganhar mais, uma vez que não sabem trabalhar melhor, terão que trabalhar mais. Fazer horas-extras, ter dois empregos.”

Nessa tecla de que os que trabalham bem receberão bastante e, vice-versa, os que não trabalharem bem receberão o mínimo, o professor bate continuamente. Percebe-se que é uma espécie de palavra de ordem, que deve circular e ser assimilada. Só que, por enquanto, poucos acreditam nela. Relato algumas vinhetas que talvez expliquem as diferentes maneiras de como os russos ainda encaram o trabalho.

No “bufê” do hotel, por exemplo, o cardápio é: café à turca, ovos estrelados e salsichas cozidas. Ninguém pode pedir algo diferente, pois simplesmente não há. E o garçom sabe disso. Ora, em lugar de manter prontos em cima do fogão uma série de potinhos de café e de frigideiras com ovos estrelados, ele deixa que cada cliente da longa fila que sempre há no balcão os peça e espere quinze minutos no mínimo, para que cada

café seja feito individualmente e cada ovo, idem. “Ora – pergunto eu à administradora –, por que não se organizam melhor? “Para que haveriam eles de se apressar? – responde ela, completamente à vontade – servir vinte cafés ou um só não vai mudar os 120 rublos que eles ganham no fim do mês. E os atendentes sabem muito bem que, se saírem daqui, amanhã vão encontrar cem lugares iguais a este à sua espera.”

“Ai, meu Stálin!” comenta um georgiano que está há uma hora esperando o táxi no ponto com a mulher grávida e vê o motorista parar para recolher outro passageiro mais convidativo, na frente dele. “Chicote para essa gente, chicote! Está vendo que estou aqui com a mulher grávida, mas qual nada!”

Já no bufê da faculdade as coisas se passam conforme o mais absoluto rigor. O café é servido das 10 às 11 horas, depois fecha, e, embora as duas senhoras que atendem permaneçam no local, nada há que as demova. Um dia cometi a insensatez de pedir que me dessem um copo de água, depois das 11 horas. “Na rua”, disseram-me soletrando bem as palavras, como que duvidando da minha capacidade mental.

“Como assim na rua?” – indigno-me e levanto a voz, pois a expressão pareceu-me particularmente ofensiva.

Acontece que, realmente, na rua costumava ficar uma fila de carrinhos vendendo gasosa e água mineral. Não me deram a água, mas, em compensação, meu prestígio subiu. No dia seguinte, a senhora com quem tinha gritado piscou para mim zombeteira, como a dizer “É das nossas”. Dito e feito. Havia, na fila atrás de mim, o representante de uma nação africana pedindo café. “Saia, saia imediatamente da fila! O senhor já foi atendido uma vez. Como se atreve a voltar!” Solidarizando-me com o coitado, fui atrás dele e disse-lhe que não se impressionasse, pois comigo havia acontecido algo semelhante no dia anterior. “Elas têm um tipo de educação, mas não têm cultura, aí é que está o problema”, sentenciou ele, impressionando-me. Tanto que, na mesma noite, resolvi passar-lhe um bilhete sobressalente que havia comprado para uma amiga, por 3 rublos, para assistir a uma comédia de Mark Rossóvski, muito con-

corrida (todas as boas peças são concorridíssimas): “O concerto de Vissótski no Nii”. Só que a apresentação daquela noite foi de graça e a caixa do teatro ressarciu a todos o dinheiro do bilhete, que o congressista nem sequer pensou em me devolver. “Provavelmente – concluí entre parênteses –, o tipo de cultura dele é diferente.”

O último exemplo refere-se a um episódio que me ocorreu já no fim da viagem. Estava com a bolsa bastante maltratada. Duas tiras descosturadas, a alça a tiracolo completamente gasta e mantida funcionando graças a alguns nós que tinha dado no couro. Os sapateiros não lidam com bolsas e encontrar uma oficina especializada era algo que, apesar da boa vontade de quem me explicou, continuava me parecendo complicado e distante. Na véspera da partida resolvi comprar dois despertadores e uma resistência para ferver água no copo, na rua Arbat, que, por ser a rua dos boêmios e dos biscateiros de Moscou, é também a rua em que se encontra de tudo. Acabei achando lá mesmo minha oficina de bolsas. Pus-me na fila e, quando chegou a minha vez, expliquei que tinha que partir e que precisava de um conserto na hora. (Por sinal, minha vez chegou logo, pois as pessoas que estavam na minha frente tiveram o conserto recusado: as bolsas estavam demasiado gastas.)

O senhor que me atendeu deu uma olhada de conhecedor na bolsa e começou a costurá-la na máquina. A cada costura parava e vinha me mostrar o serviço que tinha feito. Não com o intuito de ser aprovado, mas para fazer-me notar que eram muitas as costuras e que já não aguentava mais de tanto trabalhar. “O senhor é a minha salvação” – disse-lhe, acentuando a sorte que tivera em encontrá-lo. “Já pensou como seria ir viajar com a bolsa caindo aos pedaços?” Ciente da importância do que estava fazendo, suspirou repetidamente, e eu, como prova de reconhecimento pelo enorme esforço despendido, deixei-lhe uma esferográfica japonesa de escrita fina. Ele a examinou também com ares de conhecedor e dignou-se a aceitá-la (além do preço do conserto, é claro). “Mas a senhora nunca mais faça isso. Isso é abusar das pessoas, ouviu?”

Outro lema da *perestróika*, e esse, sim, bastante assimilado

pela população, é “a economia para o indivíduo”. Não sei se ele está por algum motivo particular associado ao plano que prevê “um apartamento para cada postulante até o ano 2000”, mas achei curiosa a versão que me deu uma professora, enquanto visitávamos uma estância, a uma hora de Moscou, onde residiu Lênin no final de sua vida: “Nós sempre achamos que devíamos fazer tudo pelo Estado, e agora é o Estado que deve fazer tudo pelo indivíduo.” – Com quem diz, veja só, ninguém imaginava. – “Eu sempre morei com meus pais, mesmo depois de casada, apertadinha, no mesmo apartamento, pensando nas dificuldades dos outros. E, agora, fica-se sabendo que cada casal tem o direito de cuidar da sua vida, de morar por sua conta. Quanto tempo perdemos...” Acontece que até pouco tempo atrás era mais ou menos normal achar que o comunismo de guerra implantado por Stálin a partir de 1929 tinha sido um mal necessário. Hoje isso é extremamente controverso. Será que..., o que teria acontecido se..., perguntam os mais cautelosos, enquanto os mais radicais se queixam abertamente.

A velhinha do filme violentamente anti-stalinista “Expição” (*Pokaiánie*), do cineasta georgiano Tchinguiz Abuladje, premiado em Cannes no ano passado, aparece no fim formulando ambigualmente a recriminação crucial: “Este caminho leva ao templo? Se este caminho não leva ao templo, então para quê este caminho?”

– O templo quer dizer o socialismo – cutuca-me uma colega sob o impacto, quase blasfemo do filme.

– O templo significa a felicidade – diz a professora que apresentou o filme antes da projeção. Realmente, o filme é uma sucessão de alegorias, cuja decifração é “a chave”, mas há metáforas que cada um interpreta à sua maneira. Resta o fato de que o atormentado processo político-social, encoberto durante décadas, vindo à luz com todas as suas contradições e injustiças, contribuiu para criar um clima de impasse. Agora todos falam de muitas coisas, mas a figura de Stálin continua pairando sombria como uma ameaça que só os mais velhos proferem: “E se depois de Gorbatchov tudo voltar a ser como era antes?”

“Lênin x Stálin”. É assim que, em última instância, se coloca a proposta de Gorbatchov diante da carta de princípios da oposição (parem com as críticas a Stálin, voltemos ao que era antes, etc.), publicada aos 13 de março deste ano no jornal *Soviétskaia Rossia*, sob o inocente nome de Nina Andréievna, uma professora de ciências da capital. “Leiam o tomo 45 das obras de Lênin” – nos recomenda o especialista em *perestróika* –, “lá já se falava em plano de cooperação, e não de coletivização.”

“Na verdade” – explica-me a professora de Liênski Góri, a estância onde viveu Lênin no fim de sua vida –, “aconteceu uma coisa esquisita com as últimas obras de Lênin. Começou-se a desconfiar quando se constatou que a única pessoa próxima de Lênin que não chegou a ser incomodada após seu falecimento, em 24, foi uma estenógrafa, que viveu até idade avançada. Foi justamente a ela que Lênin, paralítico do braço e da perna direita por graça da bala de Fanny Kaplan, alojada em suas costas desde 1918, ditou seus últimos livros. Parece que eles iam parar diretamente às mãos de Stálin, levados pela zelosa estenógrafa, e só recentemente a questão foi esclarecida e os livros, não se sabe até que ponto, recuperados.” Uma coisa é certa: até o final da sua vida, Lênin manteve a lucidez e a força de vontade que tanto o caracterizaram, e a visita à sua última moradia, em Liênski Góri, mostra não apenas que ele conservou até o fim sua vontade de trabalho, mas que, graças a exercícios diários, já estava readquirindo o uso da mão e do braço direito. E, de acordo com o que se comenta, a filosofia da *perestróika* se basearia justamente nos seus últimos livros.

A primeira excursão oficial a ser feita é a visita à cidade de Moscou. São-lhe reservadas duas tardes, sem contar os domingos reservados especialmente para o Krêmlin e o Mausoléu Lênin. Os ônibus que nos levam agora têm ar condicionado e a imprescindível figura da guia assimilada ao programa, que nos fala com um carinho tão possessivo de Moscou, de Púchkin ou da arquitetura da cidade como se fossem da alçada exclusivamente dela.

Ficamos sabendo que a primeira cerca de madeira do Krêmlin, que em russo quer dizer cidade fortificada, foi erguida

em 1156 pelo príncipe Iúri Dolgorúki e que, só duzentos anos depois, após a invasão dos tártaros, foi construída dentro dela a primeira catedral de pedra de Moscou, a da Assunção (Uspiênski Sobor). A partir do século XV, com a unificação dos vários principados russos sob a égide de Moscou, o Krêmlin passou a ser constituído por uma série de construções que foram sendo edificadas paulatinamente. Estas formam um pentágono irregular, dois de cujos lados limitam a Praça Vermelha. Há hoje, ao todo, vinte torres nos muros do Krêmlin, cinco das quais são também portas, e quinze construções, entre catedrais, museus, dependências várias e o palácio, sede do Soviete Supremo da URSS. Hoje na emblemática Praça Vermelha está a Catedral de S. Basílio, o mausoléu de Lénin, o Museu de História Russa e o *Gum*, tradicional centro comercial ainda não modernizado, que mais parece um bazar.

Antigamente (século XV), a praça era conhecida como *Torg* (mercado, em eslavão), e só dois séculos mais tarde passou a ser qualificada *Krâsnaia*, adjetivo que, na época, significava “bonita” e não vermelha. Sobre a Catedral de S. Basílio, erigida por Ivan, o Terrível, em 1555-60, conta-se que o tsar tenha mandado furar os olhos dos dois arquitetos que a construíram, Barma e Postnik. Realmente, ela é única: a combinação de nove igrejas cilíndricas menores, cujas paredes são totalmente afrescadas por ícones. Sobre os muros do Krêmlin ainda estão os canhões com os quais Napoleão tomou a cidade vazia, em 1812, onde foram incendiadas 2041 das 2547 casas que existiam.

Com isso, tirando o Krêmlin, as igrejas e os mosteiros que sobreviveram esparsos pela cidade, não resta muito da antiga arquitetura moscovita. Mesmo os casarões em estilo neoclássico, que constituem as marcas da excursão “A Moscou de Púchkin”, têm mais valor histórico-sentimental do que propriamente artístico. O verdadeiro tom arquitetônico da cidade é realmente dado por um curioso hibridismo, onde o *art-nouveau*, o barroco e o neogótico se misturam e se expressam em detalhes que ainda irão deliciar gerações de especialistas, à medida que forem estudando os focos irradiantes dessas tendências.

Um deles, descobri por acaso, numa excursão a Abrámtsevo (museu-fazenda que fica a duas horas de Moscou). Era a propriedade rural de família do escritor Serguei Timofiévitch Aksákov, memorialista e crítico teatral de renome que faleceu em 1859. As propriedades rurais dos antigos aristocratas russos (que nada têm a ver com as modestas *datchas*/chácaras) eram verdadeiras fazendas e, especialmente no verão, acolhiam não só a família do proprietário, mas toda uma corte de amigos e convidados ilustres que lá se hospedavam para produzir, livres das preocupações do dia-a-dia, as obras acerca das quais discutiam depois com os presentes. Gógol chegou a ensaiar uma peça em Abrámtsevo, da qual tomaram parte como protagonistas os privilegiados filhos do dono da casa. Após a morte de Aksákov, a propriedade foi comprada por um magnata, o rico construtor de estradas de ferro Savva Ivânovitch Mámonov, que, por sua vez, se rodeou de um grupo em que primavam os artistas plásticos, que ali residiam por longos períodos (só em 1918 a propriedade foi encampada pelo Estado). Entre os artistas estavam os mais importantes pintores e escultores russos do século (só para citar alguns nomes: I. E. Riepin, V. D. Polienov, os irmãos Vasnietsov, V. A. Sierov, M. A. Brubel etc.). Cada um deles tinha a sua casa-ateliê (no meio do imenso bosque de bétulas e pinheiros sulcado por românticas alamedas e pelo piscoso rio Boria), cada casa projetada pelos arquitetos do grupo e um ateliê comum onde se realizavam, assimilando experiências orientais e ocidentais, as mais impressionantes esculturas em cerâmica e mosaico que me foi dado ver até hoje. O lagarto de Gaudi não ganharia do divã em mosaico colorido que está, incólume, atrás da “cabana construída sobre patas de galinha”, no pátio em frente à casa principal, só para dar uma ideia.

Mas, voltando a Moscou, seu calor, sua poesia, enquanto cidade, deve ser descoberto nos pequenos rincões, escorços ou “cantinhos” (como dizem os russos) imemoriais. Walter Benjamin, que visitou a Rússia no inverno de 1926-27 e escreveu seu célebre *Diário Moscovita*, ficou encantado com as “janelas profanas” das igrejas bizantinas que se abrem sobre as ruas como janelas quaisquer e, no inverno, ficam consteladas por

flores de gelo, que depois as camponesas bordam nos lenços, transformando-as em flores de lã. Outra coisa que o encantou foram os brinquedos de madeira e de *papier maché*, quadros de Cézanne no Museu Púchkin e as encenações de Meyerhold: *O Revisor* de Gógol e *O Bosque* de Ostróvski. Detalhes do Mosteiro de Zagorsk e muitos becos que lhe lembravam as ruas de Nápoles.

Uma visão particularmente fragmentária, a dele, e gelada, não apenas pela estação e pela época do stalinismo incipiente (o diário de Benjamin, que muito provavelmente não se destinava a publicação, está marcado por dolorosos desapontamentos sentimentais). Mas, na opinião dos conhecedores, Moscou só pode ser fruída mesmo em pequenas doses. Tomada no seu conjunto, no verão, é uma cidade cinza de avenidas amplas, extremamente arborizadas, com casarões retangulares la-deando-as e algumas construções monumentais tipo Universidade de Moscou, Hotel Ucrânia ou, mais recentemente, Hotel Internacional. Só que, andando por uma dessas avenidas, você de repente depara com uma igreja de tijolos vermelhos de seis séculos atrás, ou com uma praça de seixos de granito sobre a qual se assomam construções de cinco estilos diferentes: opostos e apostos ao mesmo tempo. Ou mesmo com um beco de chão batido, esquecido nos fundos, entre uma quadra e outra, onde há árvores seculares e casinhas de madeira antiga, de muito antes de Napoleão, gozando o breve sol do verão, entre um inverno e outro.

A redundância, que como agudamente notou Benjamin é própria do conceito pequeno-burguês de decoração (na parede deve haver quadros, no cantinho fotos de família, no sofá almofadas, na estante de vidros o serviço de copos de cristal e as xícaras de porcelana, na cadeira o gato etc. etc.), é um pouco a lei do interior dos lares russos, agravada pelo pouco espaço disponível. O conceito de decoração está ligado ao de *remont* (reforma). Vez ou outra o russo acha que está na hora de reformar o apartamento. Porque conseguiu juntar um dinheiro, porque a filha casou deixando um local livre ou, simplesmente, porque o papel de parede está amarelado e gasto. Realmen-

te, o primeiro passo para o *remont* é trocar o papel de parede. Veem-se homens andando com volumosos rolos na pasta que eles mesmos colarão à parede, e aí já se sabe: está próximo um mutirão de limpeza e de renovação.

Na manhã de domingo reservada ao Mausoléu de Lênin o sol batia forte sobre as comitivas dispostas em blocos, na fila. Aproximei-me de um senhor que mantinha seu guarda-chuva religiosamente aberto e que me convidou a abrigar-me. Começamos a falar justamente disso: os males dos raios de sol, agora que a camada de ozônio está cada vez mais prejudicada e o cuidado que o russo tem, na cidade e no campo, de resguardar-se. Ele vinha da Moldávia, encontrar uma filha que casara e partira para um país distante e estava participando de um congresso em Moscou.

– E agora, o senhor veio prestar sua homenagem a Lênin?

Sorriu, mas com serenidade

Era um mestre-escola ex-aposentado, explica-me com muita convicção, pois tão logo recebeu a aposentadoria e passou a cuidar da horta integralmente, sentiu-se presa de uma “degradação mental” tão aguda que o levou imediatamente a voltar e dizer ao diretor: “Agora só darei as aulas que eu quero e me sinto muito bem assim.”

À medida que nos aproximamos do Mausoléu notamos, depositados no chão de alguns túmulos, maços de cravos vermelhos. Um deles encontra-se aos pés da estátua de Stálin. “Logo, logo vão tirar ela dali” – murmura o mestre-escola. – “Veja como olha de lado: é de tanta culpa que carrega na consciência.” Mas reparo que ele fala com constrangimento e mudamos de assunto.

\*\*\*\*